

Modos de transformar: o “onjango” o “ocoto” e o “ociwo” em espaço socio-cultural, económico e habitável, na conservação dos valores tradicionais, no município do Bailundo (Huambo, Angola)

Fernando Murrício Joaquim *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0007-1244-0598>

Monteiro Canganjo Ângelo **

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0004-9452-9534>

RESUMO

A cultura angolana é uma mistura da cultura bantu nativa com a cultura portuguesa. Cada grupo étnico-linguístico do país tem os seus próprios traços culturais, tradições e línguas ou dialetos nativo. O presente Artigo trata acerca dos Modos de transformar: O “Onjango” o “Ocoto” “Ociwo” em espaço Sociocultural, económico e habitável, tendo como embasamento teórico uma tentativa de concepção da cultura Umbundu com fortes raízes na província do Huambo, através do Município do bailundo que é desde então, considerado como o centro dos Ovimbundos em Angola. A partir da nossa abordagem pudemos confirmar a riqueza ideológica, cultural, filosófica, económica dos ovimbundos antes mesmo que eles passassem por qualquer assimilação exótica. Sendo práticas dos ancestrais angolanos nos ensina sobre a colaboração e senso da comunidade. As mesmas funcionam como exemplos de uma realidade social e especificidade cultural africana, esquecida, que ajuda a encontrar e compreender alguns pressupostos para a construção do pensamento africano contemporâneo. O objectivo deste artigo é reflectir sobre os aspectos mais relevantes dessa antropologia cultural tradicional que desvela o modo de pensar. O artigo evidencia que o Ondjango o “Ocoto” “Ociwo” tradicionalmente constituem o espaço do qual dimanam as regras que orientam as comunidades de alguns povos em Angola, por ser concebido como espaço público tradicional da comunidade, onde acontece o encontro e a escuta da palavra. Metodologicamente foi um estudo através de entrevista, levantamento bibliográfico e análise histórica com carácter qualitativo.

PALAVRAS-CHAVE

Onjango” o “Ocoto” “Ociwo e Valores Tradicionais

* Mestrando em Ensino de Geografia pelo ISCED-Sumbe em Cuanza Sul. Licenciado em Ensino de Geografia pelo Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo, Pós Graduado em Gestão de Instituições Educativas pela mesma instituição e Pós Graduado em Didáctica do Ensino Superior pelo ISP-Caála. Professor da Escola do Ensino Secundário Ferras Bomboco em Huambo. E-mail: mauricionando25@gmail.com

** Licenciado em Linguística Português Pelo Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED) -Huambo, Jornalista e Professor do primeiro Ciclo no Cachiungo-Huambo. E-mail: monteirocangelo@gmail.com

Ways of transforming: the “onjango”, the “ocoto” and the “ociwo” into socio-cultural, economic and habitable spaces, in the conservation of traditional values, in the municipality of Bailundo (Huambo, Angola)

ABSTRACT

Angolan culture is a mixture of native Bantu culture and Portuguese culture. Each ethno-linguistic group in the country has its own cultural traits, traditions and native languages or dialects. This article deals with the ways of transforming: “Onjango”, “Ocoto” “Ociwo” into a sociocultural, economic and habitable space, having as a theoretical basis an attempt to conceive of the Umbundu culture with strong roots in the province of Huambo, through the municipality of Bailundo, which has since been considered the center of the Ovimbundu in Angola. From our approach we were able to confirm the ideological, cultural, philosophical and economic richness of the Ovimbundus even before they underwent any exotic assimilation. Being practices of Angolan ancestors, they teach us about collaboration and a sense of community. They function as examples of a forgotten social reality and African cultural specificity, which helps to find and understand some assumptions for the construction of contemporary African thought. The objective of this article is to reflect on the most relevant aspects of this traditional cultural anthropology that reveals the way of thinking. The article shows that Ondjango or “Ocoto” “Ociwo” traditionally constitute the space from which the rules that guide the communities of some peoples in Angola emanate, as it is conceived as a traditional public space of the community, where the meeting and listening of the word takes place. Methodologically, it was a study through interviews, bibliographical survey and historical analysis with a qualitative character.

KEYWORDS

Onjango” or “Ocoto” “Ociwo and Traditional Values.

OVISONENHA VIO NIMBO (Língua umbundu)

Ocisonewa cilo cimonosola olonjila vyo ku pongolola "Onjango", "Ocoto", kwenda "Ociwo" oco cikale ocitumalo c' utuwo-wiñgi, asiliya kwenda ocitungilo c' omanu, ci kwete ongunji yoku seteka okumonosola Kwenda oku sanga elombolulo ly' ovituwa vi' ovimbundu vy' oko cikoti c' ocivanja co Huambo (Owambu), p' ocakati co luvumba luo Bailundo (Ombalundu) cina, tunde k' osimbu, ca tendiwa okuti ocakati c' ovimbundu vo Angola (Ngola). Akupisa k' elombolwilo lyetu twa maha uwasi walongiso v' etu, ovituwa, ukambanganji, asiliya v' ovimbundu apa handi ka va tambwile alongiso v' akwavo v' okosamwa. C' akala ale ocituwa ca va kukululu v' Ongola oku longisa ocituwa c' okukwatisa kwenda oku kala v' omunga y' omanu. Vyaco evi vi' atendiwa nd' olongangu vy' ekalo li' omanu kwenda oku litepa ku'ovituwa vy' África y' avaliwa, cikwatisa oku sanga elomboloko ly' afetikilo v' atunga ovisimilo vy' olonungacifuka c' África c' oloneke vilo. Ocimaho c' ocisonewa, c' okusokolola catyamela k' atosi v' anonohamo v' elilongiso ly' omanu, ovituwa v' avo vy' okosiahulu vitukulula olonjila vy' oku sima kwavo. Ociñga c' eca ovangi w' okuti, Onjango, Ocoto kwenda Ociwo tunde k' osiãhulu, vikasi ovitumalo muna m' utunda ovihandeleko kwenda alongiso visongwuila onepa vimwe vy' omanu v' Ongola, mokonda vyakapiwako okuti ovitumalo vy' owiñgi vy' utuwo woko siãhulu muna va syata okulisanga kwenda okuyevelala olondaka. Ndomo twa fu fula olonjila vy' kamonosole c' alekasa okuti eli elilongiso Iya lingiwa p' ocakati c' ovikongamela kwenda oku sesumbula ocisipulwi v' elipwo. V' onjila eyi, ci te ndiwa ocitumalo c' okulivangula. Muna mu lipita ekuta, ovilukiyo, okulisanga kwo omanu l' ovisimilo.

ONDA Y' OSAPI:

"Onjango", "Ocoto", "Ociwo" kwenda ovituwa vy' osiãhulu.

1. Introdução

Fazendo uma referência histórica, podemos afirmar que antes da presença europeia, a educação em África era ministrada na forma mais “tradicional” (informal). O “Onjango” surge como a escola tradicional, onde se ensinava e se educava para a vida e fazia-se a partilha de conhecimentos entre adultos e os jovens. Inicialmente, o contacto dos portugueses com o reino do Congo (Angola) foi pacífico, num ambiente de acolhimento e de admiração. Filipe, (2018).

Angola é um país de Origem bantu com um território de 1.246.700Km², de acordo com o censo realizado em 2014, possui uma densidade populacional de a semelhança de outros países africanos, é caracterizado pelo seu multiculturalismo, possui mais de 11 Línguas faladas com uma variedade dialéctica. O Onjango, Ociwo estão ligados aos ovimbundus. Ao falarmos sobre o “Onjango” o “Ocoto e Ociwo ” como um espaço Sociocultural, económico e habitável estaremos a mergulhar na cultura dos ovimbundus.

Antes de nos concentrarmos no assunto em que nos dispusemos a abordar gostaríamos de caracterizar este solo etno-pátrio Angolano. Daremos a nossa opinião sobre como é que estes lugares eram utilizados para servirem de em espaço Sociocultural, económico e habitável. Segundo Émile Durkheim (2000), os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas”. Com efeito, uma regra moral, assim como um rito, nos prescrevem maneiras de agir e de ser na comunidade, em observância às regras estabelecidas.

Sobre Rituais aparecem estudos abordados pelos antropólogos, filósofos, sociólogos, historiadores que aportam sobre temática nos mais diferentes momentos. E sobre a relevância do Onjango” o “Ocoto” e ociwo na conversação dos valores tradicionais, achamos que contribuem na educação das jovens gerações (Makuwa, 2020). Pois, nesse sentido é considerado espaço da comunicação. Como fundamento, onde pode ocorrer a partilha, a criação, o confronto entre a existência humana e o cosmos. A vontade de percebermos a real essência do Onjango” o “Ocoto” e Ociwo, levaram-nos a abordar esta temática.

2. Objetivos de investigação

A pesquisa tem como objetivo geral compreender a relevância do Onjango” o “Ocoto” Ociwo na conservação dos valores tradicionais, no Município do Bailundo.

Especificamente a pesquisa visa (i) Perceber o actual enquadramento sociocultural dos Ovimbundus no município do Bailundo; (ii) Descrever a prática do Onjango” o “Ocoto” e Ociwo na conservação dos valores tradicionais, no Município do Bailundo; (iii) Perceber o lugar e importância socio- educativa do Onjango” o “Ocoto” e Ociwo na comunidade no Município do Bailundo.

3. Enquadramento Teórico-Conceptual: Onjango, ocoto (ochoto) e ociwo (ochiwo).

Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas, notadamente das práticas morais, pela natureza especial de seu objeto. Com efeito uma regra moral, assim como um rito, nos prescreve maneiras de agir mas que se dirigem a objetos de um gênero diferente. Portanto, é objeto do rito que precisaríamos caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime. Assim, só se pode definir o rito após se ter definido a crença (Durkheim, 1996, p. 19).

Assim, para Durkheim, as sociedades tribais possuíam uma organização que supunham "uma classificação de coisas reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras: profano e sagrado traduzem bastante bem. Outro teórico que trouxe reflexões importantes sobre os rituais foi Radcliffe - Brown (1973).

Acrescenta ainda, que os ritos se manifestam dentro de um "sistema social que pode ser considerado e estudado como um sistema de valores. Assim, para o autor, dentre os membros de uma sociedade "existe um certo grau de concordância, no que diz respeito ao valor ritualístico que é atribuído a objetos diferentes". Hoje é muito comum encontrarmos casas e empresas com a denominação onjango, sem saber o verdadeiro significado mais profundo que este termo encerra em si mesmo.

Etimologicamente a palavra “**onjango**” é derivada da Língua Umbundu, sendo composta por aglutinação das Palavras **Onjo** mais **Yo hango**, significa casa de Conversa, reunião, associação, clube. Instituição tradicional onde se transmitem aos mais novos a história e outros saberes da comunidade. O Onjango nos remete a realidade da casa, trata-se da casa de conversa, de reunião, de hospedagem, de partilha de bens, refeição, serviços, de educação, iniciação sociocultural de entendimento e, ou de fazer justiça. Se trata de uma casa, ponto de partida e ponto de confluência; de uma casa com as condições de se poder sentar, reunir juntos de alguns mais velhos, tratata-se de um lugar de encontro.

Nesta óptica enquanto realidade física Onjango significa espaço aberto nas laterais, construção de pau a pique, em forma circular não rebocada nos lados, sem paredes em cobertura de capim ou debaixo de uma árvore frondosa onde se sentam para que ohango se tornasse factível ou realizável.” (Makuwa, 2020). No onjango, despertavam a juventude sobre o espírito de pertença à uma comunidade com tradição que se deve respeitar. Eram solidários uns para com os outros e protegiam-se mutuamente.

Aprendiam a respeitar os valores da sua comunidade. É aí onde o jovem se preparava para a vida adulta, aí o respeito era a base do relacionamento entre as pessoas. A criança deve respeitar sempre o mais velho, seja quem for. Fala-se sobre o trabalho: um homem digno desse nome trabalha e dignifica o trabalho. Quem trabalha não cai na preguiça, que é a mãe dos vícios nem na tentação do roubo.

A Casa de Conversa significa muito para a nossa cultura; neste lugar o fogo nunca se apaga, pois, são postos na fogueira troncos grandes que ficam acesos todo o dia e de noite (o fogo é que nos fornece a vida a saúde, o calor humano, o afecto etc; não se apaga porque, faz-se um ritual, antes de acender. Geralmente é no fim do dia que a família se reúne no Onjango para fazer o ulonga, onde cada membro tem a oportunidade de explicar as principais ocorrências do seu dia. Nele incentiva-se o princípio do diálogo, recebem-se visitas, resolvem-se problemas das famílias ou comunidade, como Ekanga – julgamento. Também, faz-se serão, transmite-se experiência.

O Onjango tal como já fizemos menção, não era apenas um conjunto de paus capim ou então uma mulembeira, mas era, na verdade um espaço de grandes exercícios da realidade social as sua transformações e para incorporar nas novas gerações, aqueles saberes considerados de património cultural cuja transmissão era feita dos mais velhos aos mais novos. “Fala-se da Obediência: A criança deve aprender a ser obediente. Quem não sabe obedecer também mal saberá mandar. Quem é obediente triunfará na vida. (Makuwa, 2020).



Fonte: Arminda Fernando Filipe (Jornal de Angola de Artes e Letras, 2019)

Segundo Júlio kambulu os jovens e adolescentes 'rapazes' aprendiam ulonga que é uma repetição ou repetindo as intervenções dos antecessores, sem perder a tradicional "a kuku" chamando atenção tal como acontecerá com o passo. O onjango era o espaço onde os jovens aprendiam todas as atividades produtivas ao exemplo da caça; como se podia contrair o casamento e era instruído como homem o centro do lar. Embora o Ocoto tenha origens, segundo fontes orais citadas por este artigo, ligadas ao ocultismo “**umbanda**” Recinto fechado nas laterais, com cobertura, usado para partilhar o almoço e para o lazer. Entre os ovimbundus do nano onjango pode significar também reunião.

O Ocoto acontece antes do Onjango e do ociwo. Tanto as raparigas como os rapazes beneficiam-se deste ritual. Uma investigação mostra que o Ocoto é também uma cultura pertencente aos Vahanya tal como evidencia o trecho a seguir: “O ocoto é consignado pelos Vahanya como lugar que ao anoitecer os homens residentes da aldeia juntam-se para partilhar o jantar, trazido de todos os casais, ficando a comer na cozinha as mulheres, as meninas e os filhos pequenos. (Ngandu Macovi, 16.01.2015).

Ociwo- encontros onde as mães e tias davam conselhos as raparigas no início da puberdade, falava-se das transformações do corpo para evitar o contacto sexual antes do

casamento. Nestes encontros, também ensinavam-lhes a cozinhar, a lavar a roupa e outras actividades domésticas para a harmonia e o bem-estar do casal, dos filhos e das famílias” (Catanha, Adelaide 2013).

As meninas no ciwo aprendiam como cuidar da casa, preparação de alimentos e obediência ao seu marido, manter as crianças a não circular em áreas ou casas de vizinhos não autorizada pelos pais. Onjango” o “Ocoto” e Ociwo, é uma prática ancestral a mesma existe desde tempos remotos. Carrega consigo um grande símbolo cultural. Face a estes valores culturais, originou o seguinte problema científico.

Durkheim (1978), assevera que os ritos brotam nas associações e suas utilidades são de fazer aparecer, aguentar ou reproduzir autênticas ideias ligadas à crença desses mesmos grupos. Fala-se da generosidade: a criança deve aprender a partilhar e a ser solidária. No onjango a criança aprende a não usar uma língua grosseira, a não dizer disparates. Desde piquena, a criança aprende o que deve dizer e o que não deve dizer. No Onjango aprende-se também a hospitalidade: Os jovens aprendem a ser acolhedor. Uma visita é vista como uma bênção. Por isso deve ser bem acolhida e bem tratada.” (Kundonguende, 2013)

Segundo o Kundonguende (2013) é também no Onjango onde as novas gerações preparavam-se para posteriormente formarem os seus lares, ali, aprendiam como gerir o mesmo e como inserir-se na Sociedade que partia essencialmente da família: “Fala-se sobre o Casamento: as esposas não se tiram de qualquer família. É preciso saber a que família pertence; quais os seus hábitos e costumes.

Depois de casado o homem deve comportar-se como verdadeiro chefe de família e não como um violento e agressor. Deve proporcionar o necessário para o bem e harmonia do lar. Deve saber tratar bem a sua esposa, cuidar e educar bem os filhos por isso aprende a ser responsável. “No Onjango também ensina-se ao Jovem que a vida nem sempre é um mar de rosas. Há momentos de dor, problemas e dificuldades. O Homem deve estar preparado para estas situações.

Fala-se da Economia: trabalhar para ter bens necessários à vida. Para isso é preciso saber gerir tais bens. Não gastar mais do que o necessário. Terminado o jantar, o pessoal da cozinha junta-se aos homens no ocoto, dá-se o início do processo de educação, daí a designação do ocoto de escola tradicional, o lugar onde se educa o juízo. Vários são os ensinamentos que são passados a partir do ocoto, das velhas para as novas gerações, de entre as quais o artigo faz questão de destacar algumas que preferimos descriminá-las. As regras alimentares que consistem em saber como partilhar

a refeição no ocoto, exposta no ondilwa (prato de pirão) e no ondimbé (prato pequeno feito de barro que se usa para os acompanhantes do pirão, excepto avele vai em eholo (recipiente feito de madeira, próprio para colocar o leite azedo.

Ali aprende-se:

okuvelela (poupar), okuteta ombu (cortar a bola do pirão), okumiñgamiñga (entreter-se com o molho), okutomila ocinunli (sacar o naco) que por norma já vêm cortados em tamanhos por categorias das idades e contabilizados da cozinha, cabendo ao “mais velho” o maior pedaço e o ato inaugural e daí por diante. Aprende-se também okupwita Avele (saborear o leite azedo misturado com o pirão, okukolõnlã mombia (limpar a panela com o indicador direito e tantas outras.

O conhecimento da história das origens. O poder de descrição da árvore genealógica. É obrigatório o conhecimento dos descendentes da linha vertical e de outros parentes colaterais. Como exemplifica um dos entrevistados: Os velhos (fulanos) e (sicrano) nascemos ou o nosso parentesco é assim, assim. A minha mãe, a mãe dela é a fulana, o pai dela é o fulano, o avô é o fulano, o bisavô é o sicrano. Fulano e sicrano tratamo-nos assim. Aquele é seu primo, aquele é seu tio, é ensinar as crianças. É ali onde contam anedotas, jogam batota, antigamente chamado endiongo (Ngandu Macovi, 16.01.2015).

Aprender como desenrolar ulonga, para recepcionar visitas, como escolher uma noiva ou um noivo, como se processam os rituais de iniciação feminina e de iniciação masculina, como é o onaluhonge, o hábito de formular perguntas de curiosidade para evitar ondandu como se constrói um curral, como se semeia uma lavra, como o indivíduo se pode defender dos maldosos, como se pode fazer comércio, depois do indivíduo comprar o carro como deve fazer é uma diversidade de ensinamentos. Aprende-se as regras do ocisoko (totem) que proíbe a retaliação ou a aplicação de multas entre os vakwacisoko “o seu cisoko pode matar o seu boi.

4. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa histórica com o carácter qualitativo, onde procurámos narrar o processo histórico do **“Onjango” o “Ocoto” e o “Ociwo” em espaço Socio-cultural, económico e habitável**, na conservação dos valores tradicionais. Neste tipo de pesquisa o investigador preocupa-se com as ações dos indivíduos, bem como dos diversos eventos ao longo dos tempos.

A Pesquisa qualitativa pressupõe uma análise e interpretação de aspectos mais profundos da complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos. (Marconi; Lakatos, 2005, p. 269). É uma pesquisa que aborda e estuda aspectos subjetivos de factos sociais e de conduta humana. Os assuntos de uma pesquisa qualitativa são factos ou fenómenos que acontecem em determinado tempo, local e cultura.

Isto implicou a análise das obras dos seguintes autores, Mário Makuwa, Ngandu Macovi, João da Cruz Kundonguende. As técnicas utilizadas consistiram num estudo de campo por meio da observação. O autor que lança mão do estudo de campo desloca-se pessoalmente para realizar trabalho, buscando aproximar-se das experiências directas da comunidade que estuda. Quanto aos procedimentos de coleta dos dados, fez-se recurso a revisão bibliográfica para aferir as diferentes visões de autores sobre o **Modo de transformar o “Onjango” o “Ocoto” e o “Ociwo” em espaço Socio-cultural, económico e habitável**, na conservação dos valores tradicionais.

Quanto aos métodos de nível teórico, foram utilizados os seguintes: “histórico-lógico” para compreender todo o percurso histórico desde o seu surgimento até actualidade; “análise-síntese” permitiu descrever em partes e de forma sistemática as principais atividades desenvolvidas no onjango, no ocoto e no ociwo no âmbito da conservação dos valores tradicionais. Isto permitiu chegar as conclusões de casos gerais que para enriquecer os aspectos teóricos do trabalho bem como a realidade objetiva da temática em suas várias dimensões.

Quanto aos métodos empíricos, implicou o estudo de campo por meio da constatação das condições reais, através da observação direta e uma entrevista com perguntas semiestruturadas aplicada à vinte e cinco elementos residentes no Bailundo, na bairro de Kalueyo com idade variável entre 45 à 70 anos, alguns deles são entidades tradicionais (sobas, Regedor e seculos de ombalas). O mesmo estudo processou-se de forma sistemática ou faseada.

5. Análise e Discussão de Dados

Qual é a relevância do rito de Onjango” o “Ocoto” e Ociwo nos Ovimbundus para a conservação dos valores tradicionais? Apesar de existirem depoimentos de que os ritos/rituais para além de serem um factor cultural o são também um meio para a transmissão e conservação da cultura local há cada vez tabu, imprecisões de

interpretação da instituição cultural em causa. Este estudo obedeceu diversos momentos, desde a coleta de dados até a sua análise e interpretação respetivamente.

Do levantamento feito através de um processo de auscultação direta e consulta documental, importa referir que nos dados recolhidos encontrámos uma desproporcionalidade considerável quanto ao número de elementos inqueridos, sendo que, menor parte são entidades tradicionais. Elementos que representam em número considerável foram alguns securos (mais velhos) que trabalham com sobas nas ombalas (tribunal tradicional).

Por um lado, percebemos que o surgimento destes rituais tem contribuído na preservação dos valores culturais e tradicionais. Dos quinze elementos que compõe o conjunto do grupo inquerido, dez elementos descreveram aquilo foram e são as características e aquilo que se fazia no Onjango, Ocoto” e o “Ociwo. Tal informação é comprovada por Kundonguende, João da Cruz que afirma que no Onjango aprende-se também a hospitalidade. Os jovens aprendem a ser acolhedor. Uma visita é vista como uma bênção. Por isso deve ser bem acolhida e bem tratada.

As restantes entidades entrevistadas afirmaram que o Onjango era um espaço onde preparavam-se os homens. No Ociwo preparavam-se as mulheres e no Ocoto preparavam os homens. Muitos são os valores que estão sendo perdidos em Angola por causa de alguns fatores. Dos valores perdidos destacam-se os seguintes: Olonjangos-encontros onde os mais velhos educavam os rapazes, sobre os bons hábitos, usos e costumes, casamento, comportamento no lar, educação dos filhos, em suma transmitiam-se conhecimentos para se poder viver numa sociedade.

Os valores perdidos devem ser recuperados nas comunidades através das autoridades tradicionais, entidades governamentais e religiosas, organizações femininas e juvenis realizando palestras e debates discutindo temas atualizados que promove a recuperação desses valores perdidos. Os provérbios populares também estão a cair em desuso. Desde a antiguidade, se exprimia o pensamento em poucas palavras no provérbio e que hoje não se faz sentir porque os que conheciam já estão a desaparecer. Hoje é raro ouvir alguém falar em provérbios, talvez existam alguns conservadores, mas são poucos. Estes provérbios, os adolescentes e jovens deveriam aprender nos jangos, permitindo assim a conservação dos valores tradicionais.

Devido as suas particularidades, as fases de adolescência e juventude eram as mais exigentes da vida humana, por isso acompanhavam-se de amparo permanente e atenção especial, através de métodos educacionais rigorosos, mas solidários e fraternais,

práticos e participativos com rituais de passagem sistemáticos, desde à infância, caracterizada pela prática deixada ao pai biológico para falar do filho da sua consorte, por ser o porta-voz do anúncio público do recém-nascido, a idade adulta que incluía o longo processo relativo à uvala "casamento", isto é, o mesmo que matrimónio. Portanto, feito uma analogia quanto aos dados obtidos por parte das 15 entidades, verificando-se que, estes comungam saberes no que concerne em transformar: o “onjango” o “ocoto” e o “ociwo” em espaço socio-cultural, económico e habitável, na conservação dos valores tradicionais

Considerações Finais

Resumidamente, o Onjango, Ocoto, e Ociwo serviam para educar a Sociedade, sobre tudo as novas gerações, angariava-se riquezas porque é ali aonde também eram realizados julgamentos que por sua vez, serviam para multar infratores que cocassem com as normas culturais, passavam-se ensinamentos de como é que as novas gerações pudessem angariar dinheiro para o sustento da família é também estes lugares que serviam para exercitar o respeito a solidariedade, o amor ao próximo, a responsabilidade Social, familiar, económico.

Ao refletir sobre os aspectos mais relevantes dessa antropologia cultural tradicional que desvela o modo de pensar de alguns povos africanos, o onjango tradicionalmente constitua o espaço do qual dimanam as regras que orientam as comunidades de alguns povos bantu, por ser concebido como espaço público tradicional da comunidade, onde acontece o encontro e a escuta da palavra. No Ondjango, a palavra tem grande valor dinâmico e vital. Onjango, ocoto, ociwo, como fundamento, onde pode ocorrer a partilha, a criação, o confronto entre a existência humana e o cosmos. Onjango” o “Ocoto” e Ociwo, é uma prática ancestral a mesma existe desde tempos remotos. Carrega consigo um grande símbolo cultural.

Aprender como desenrolar ulonga, para recepcionar visitas, como escolher uma noiva ou um noivo, como se processam os rituais de iniciação feminina e de iniciação masculina, como é o onaluhonge, o hábito de formular perguntas de curiosidade para evitar ondandu como se constrói um curral, como se semeia uma lavra, como o individuo se pode defender dos maldosos, como se pode fazer comércio, depois do individuo comprar o carro como deve fazer é uma diversidade de ensinamentos.

Os valores perdidos devem ser recuperados nas comunidades através das autoridades tradicionais, entidades governamentais e religiosas, organizações femininas e

juvenis realizando palestras e debates discutindo temas atualizados que promove a recuperação desses valores perdidos. Em síntese, conclui-se que, este artigo pode ser considerado como o ponto de partida para a reflexão sobre a importância do onjango, ocoto e ociwo em espaço sociocultural, económico e habitável, na conservação dos valores tradicionais.

Referência Bibliográfica

CATANHA, Adelaide (2013), Casamento valor cultural em crise. **Ondaka**. Amo 13, n.1046.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FILIPPE, Arminda Fernando (2018), ONDJANGO – Filosofia Social e Política Africana, Viana ECO7.

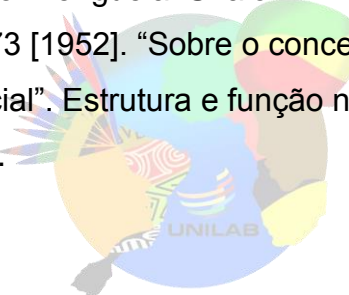
KUNDONGUENDE, J. d. (2013). **Crise e resgate dos valores morais, Cívicos e Culturais na Sociedades Angolana**. Luanda: Ministério da Educação.

Makuwa, M. (2020). **No Onjongo**. Benguela: Shalom.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. 1973 [1952]. “Sobre o conceito de função em ciências sociais” e “Sobre a estrutura social”. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Ed. Vozes. (220-231 e 232-251).

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025



Para citar este texto (ABNT): JOAQUIM, Fernando Maurício; ÂNGELO, Monteiro Canganjo. Modos de transformar: o “onjango” o “ocoto” e o “ociwo” em espaço socio-cultural, económico e habitável, na conservação dos valores tradicionais, no município do Bailundo/Huambo/Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p.410-421, jul./dez.2025.

Para citar este texto (APA): Joaquim, Fernando Maurício; Ângelo, Monteiro Canganjo (jul./dez.2025). Modos de transformar: o “onjango” o “ocoto” e o “ociwo” em espaço socio-cultural, económico e habitável, na conservação dos valores tradicionais, no município do Bailundo/Huambo/Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 410-421.